TL 6291

CONTRIBUTOS DE ANTÓNIO PINTO BARBEDO DE MAGALHÃES PARA UM DEBATE SOBRE O

Report

"The Security of East Timor in the Regional Context"

Coordination: Institute of International and Strategic Studies IEEI

May 2002

(Porto, 11 de Junho de 2002)

1. APRECIAÇÃO GLOBAL

O relatório tem a vantagem de ser feito por um conjunto de peritos dos principais institutos de estudos estratégicos do Sudeste Asiático, da Austrália, de Portugal e de outros países europeus, além de dois timorenses. Exclui, no entanto, a participação de peritos de institutos dos EUA, país muito importante, directa ou indirectamente, para a segurança de Timor Leste, e do Japão, previsivelmente o mais importante investidor.

Considero que se trata e um relatório muito útil, que traduz a reflexão feita por um conjunto de notáveis especialistas em estudos estratégicos e merece, por isso, o meu aplauso.

Tendo em conta, no entanto, o que fui aprendendo em mais de um quarto de século de trabalho relacionado com Timor Leste, parece-me que o relatório falha em quatro aspectos que adiante identifico.

Depois de um primeiro comentário, escrito à pressa, para a reunião de 5 de Junho no IEEI para a qual fui convidado, tive a ocasião de discutir o relatório e os meus comentários com algumas personalidades timorenses, nomeadamente com o Secretário de Estado da Defesa do novo estado, Dr. Roque Rodrigues. Os comentários que se seguem reflectem, por isso, a minha opinião, enriquecida e amadurecida pelas conversas tidas com o Dr. Roque Rodrigues, pelo debate feito no IEEI em Lisboa em 5 de Junho p.p. e ainda pelas curtas conversas com outras personalidades timorenses. Admito, por isso, que possam ser de alguma utilidade para o trabalho da equipa de peritos e, sobretudo, para a segurança futura de Timor Leste e foi com esse objectivo que estes comentários foram redigidos.

As observações feitas a seguir não significam qualquer desacordo com a conclusão final do relatório. Pelo contrário, confirmam-na e reforçam-na, como confirmam muito do que se diz ao longo do relatório, e que considero corresponder a uma análise cuidada e acertada.

1.1- TIMOR LESTE É PRINCIPALMENTE O SEU POVO, OS SEUS LÍDERES, A SUA HISTÓRIA E A SUA VONTADE

Timor Leste, mais do que um território pequeno e uma reduzida população extremamente pobre, é um Povo com história e com uma experiência ímpar de luta – com êxito – pela liberdade e a democracia, que pode e deve ser um exemplo e estímulo para a região. Falar da segurança de Timor Leste sem falar da trajectória política e diplomática tão consistentemente seguida para conseguir os apoios internacionais (até na própria Indonésia e na Austrália) para viabilizar o que a quase todos os governantes e estrategas parecia impossível, é esquecer a parte mais importante e mais relevante para a existência de Timor Leste e para a sua segurança hoje e no futuro: - a vontade do seu Povo, a excepcional qualidade da sua liderança e as provas de bom senso, determinação e coerência por estes dadas.

1.2- A SEGURANÇA DE TIMOR LESTE DEPENDE DE TODA UMA REDE DE CONTACTOS, ACORDOS, COOPERAÇÕES E EVENTUAIS ALIANÇAS ENVOLVENDO NÃO APENAS OS SEUS VIZINHOS MAIS PRÓXIMOS MAS TAMBÉM OUTROS PAÍSES E POVOS

O Relatório salienta a importância da Austrália e, em menor grau, de outros países da região para a segurança de Timor Leste. Essa importância é óbvia. Mas não retira valor a uma rede diversificada de cooperações, apoios e interdependências com outros países fora da região.

Poder-se-á dizer que a independência de Timor será tanto maior e melhor assegurada quanto mais diversificada for a rede das suas dependências.

Embora no relatório se fale, mais do que uma vez, da importância de poderes exteriores à região ("*outside powers*"), se lembre que os EUA, a Grã-Bretanha, a França e a China contribuem para a Força de Defesa, e se sugira que observadores timorenses deveriam participar em exercícios militares multilaterais combinados, que quer os EUA quer a Grã-Bretanha organizam regularmente com vários países do sudeste asiático (p.50), com o que estou perfeitamente de acordo, o certo é que o papel dos EUA e dos seus aliados mais distantes do que a Austrália, nomeadamente o Reino Unido e o Japão, para a segurança de Timor Leste, está muito secundarizado.

A segurança de Timor é muito mais do que a sua defesa, e depende muito mais de factores políticos e diplomáticos, das relações com os países atrás referidos, com Portugal e os países da CPLP, com a China, a Coreia e outros países, do que de qualquer pacto militar. Um pacto com uma grande ou pequena potência, por mais eficaz que pudesse ser, do ponto de vista da defesa, poderia pôr completamente em causa o papel estabilizador e inspirador de Timor Leste na região e tornar-se, por esse facto, um factor extremamente negativo para a credibilidade e projecção internacionais de Timor Leste e, consequentemente, para a sua própria segurança.

1.3- A AUSTRÁLIA PODE SER TAMBÉM UM IMPORTANTE FACTOR PERTURBADOR DA ESTABILIDADE E SEGURANÇA DE TIMOR LESTE

O relatório refere, com algum detalhe, os riscos – que são reais – para a segurança de Timor Leste que podem vir da Indonésia, mas esquece aqueles que podem vir da Austrália. A história, desde a II Guerra Mundial, quando a Austrália conseguiu transferir para Timor Leste a guerra e o ónus da guerra com o Japão – apesar da neutralidade portuguesa e, portanto, do então "Timor Português" – mostra que Timor Leste tem sido usado pela Austrália em função dos seus interesses próprios. Até 1999, os interesses australianos sacrificaram quase sempre, e da pior maneira, o povo timorense. Só com a Interfet se alterou este quadro, passando o Povo Timorense a beneficiar, enormemente, com a intervenção internacional liderada pela Austrália.

Três ordens de factores contribuíram para isso, no passado, e não perderam actualidade:

a) o interesse australiano em utilizar o território como uma plataforma avançada de segurança da Austrália. Por esse motivo, na II Guerra Mundial morreram cerca de três vezes mais timorenses em Timor Leste do que australianos, em todos os teatros da guerra;

b) o desejo de boas relações com a Indonésia, com eventual sacrifício do Povo Timorense, como aconteceu nas últimas décadas;

c) os interesses energéticos da Austrália, a que faremos referência no ponto seguinte.

Nos últimos anos a tentação de fazer de Timor Leste uma plataforma avançada da Austrália veio novamente à superfície, nomeadamente nas pressões para que a língua inglesa se tornasse na língua oficial do território. Só a firmeza dos timorenses e dos seus líderes, na defesa de uma independência e identidade próprias, lhes permitiu afirmar a sua diferença ao optar pelo Português e o Tétum.

Reconhecendo a extrema importância que teve, para a sobrevivência dos timorenses, a entrada de uma força internacional liderada pela Austrália, em 20 de Setembro de 1999, para pôr fim à destruição de Timor Leste e ao desterro do seu povo, o comportamento desrespeitoso da chefia da Interfet para com as FALINTIL, ao pretender desarmá-las e acantoná-las em condições miseráveis, durante largos meses, por um lado, e os obstáculos postos pelo governo de Camberra à criação de uma componente naval nas Forças de Defesa de Timor Leste, são outros sinais dessa tentação hegemónica australiana.

Qualquer destas atitudes gerou tensões e potenciou a instabilidade. Só a enorme determinação aliada ao excepcional bom senso e autodisciplina timorenses evitaram a derrapagem para situações mais graves e perigosas.

Concordo, em grande parte, com o que o relatório diz sobre os riscos que podem vir da Indonésia ou de diversos sectores da sociedade indonésia.

Discordo do que diz o relatório na sua pág. 27:

"*Once in power, the independent EastTimorese government may still exert pressure on Jakarta for not only the trial of senior TNI officers before* an *international tribunal, but also substancial reparations. Thus, future bilateral relations may continue to be fraught by residual tensions stemming from the events of 1999 and Indonesia's 24 year long occupation.*"

Julgo que, pelo contrário, os principais líderes timorenses têm dado sinais de enorme tolerância e compreensão, preferindo abandonar exigências de justiça que seriam legítimas a fim de facilitar a construção de boas relações, nomeadamente com a Indonésia, para o futuro.

Considero que as exigências de justiça são universais, e começam dentro da própria indonésia, e não têm sido, não são nem me parece muito provável que venham a ser invocadas, de motu próprio, pelo governo timorense.

Poderão, sim, ser factor perturbador eventuais exigências de compensações por propriedades perdidas, que algumas raras personalidades indonésias já afloraram.

Tendo em conta o que acima foi dito, parece-me, pois, completamente distorcido e perigoso pensar que os riscos para a segurança de Timor Leste vêm quase só da Indonésia. Poderão vir, igualmente, embora por processos diferentes, da Austrália. A natureza sub-reptícia, aparentemente civilizada e democrática desses riscos, com origem na Austrália, pode torná-los menos óbvios e, por isso, mais perigosos, e essa é uma razão suplementar para que não devam ser escamoteados.

1.4- A MAIS GRAVE E PERTURBADORA PIRATARIA A QUE TIMOR LESTE ESTÁ VULNERÁVEL É A QUE VISA OS SEUS RECURSOS MINERAIS DO MAR DE TIMOR

Fala-se no relatório, por diversas vezes, dos riscos para a segurança de Timor Leste relacionados com a pirataria, o tráfego de droga, a lavagem de dinheiros, o contrabando, etc. São riscos reais que devem ser considerados. Mas omitem-se os riscos para a estabilidade e segurança de Timor Leste da "pirataria" sobre os hidrocarbonetos (petróleo e gás natural) do Mar de Timor.

Convém não esquecer que estes recursos naturais pesaram na decisão australiana, de 1974/75, de apoiar a anexação de Timor Leste pela Indonésia. Em telegrama de 17 de Agosto de 1975, o Embaixador da Austrália em Jakarta escrevia:

(...) "Gostava de saber se o Governo (australiano)já se apercebeu do interesse do Ministério de Minerais e Energia na situação de Timor. Parece-me que esse departamento poderia ter interesse em colmatar a lacuna ("gap")no acordo sobre a fronteira marítima, e isso seria mais facilmente negociável com a Indonésia, encerrando o presente, do que com Portugal ou com o Timor Português independente."

Pensando nos seus interesses próprios, a Austrália conseguiu negociar, com a Indonésia, uma fronteira marítima suficientemente próxima de Timor Ocidental para deixar as zonas mais ricas do lado australiano. E conseguiu que as laterais do "Timor Gap" fossem convergentes, de modo a deixar fora desta

região, disputada com Timor Leste, as zonas mais ricas em gás natural e em petróleo. Hoje, a fronteira existente, a título provisório, entre a ilha de Timor e a Austrália, tem uma configuração nada linear, particularmente favorável à Austrália.

Tendo isso em conta, é significativo e preocupante que, ao mesmo tempo que o Governo Australiano propagandeava uma grande generosidade para com os timorenses na partilha dos rendimentos da exploração do Mar de Timor, tenha anunciado, já em 2002, a retirada da Austrália da alçada da jurisdição do Tribunal Internacional de Haia nos assuntos relativos a fronteiras marítimas.

São inúmeros os exemplos de países ricos em petróleo que se tornaram pobres presas de interesses estrangeiros que, de uma forma mais brutal ou mais "delicada", por meio de golpes de estado ou de corrupção, passaram a dominar a sua vida política e social.

Esses interesses podem ser de grandes empresas, mas também podem ser de estados ou mistos. E, em qualquer dos casos, podem subverter a economia, a sociedade, o governo e o estado.

No estado de pobreza e de desestruturação social em que Timor Leste se encontra, é muito fácil promover a instabilidade social e política, desacreditar líderes e, eventualmente, substituí-los por homens de mão ou testas de ferro mais ou menos comandados do exterior, e ao serviço de interesses estranhos ao Povo Timorense.

Quer directamente, quer indirectamente, através do conflito de interesses entre a Indonésia e a Austrália na questão do petróleo e do gás natural, Timor Leste pode-se tornar vítima, mais uma vez, dos interesses dos seus vizinhos, não apenas dos indonésios mas também dos australianos.

Se, como o relatório reconhece, a pirataria é um potencial factor negativo para a segurança timorense, é difícil explicar a relutância australiana em aceitar que a Força de Defesa de Timor Leste tivesse uma componente naval. Antes pelo contrário, a existência e operacionalidade dessa componente marítima deveriam ser estimuladas e apoiadas, como afirma o relatório agora em apreciação. Fazer o contrário obriga a questionar os motivos que estarão por trás dessa atitude.

2. TIMOR LESTE É, PRINCIPALMENTE O SEU POVO, OS SEUS LÍDERES, A SUA HISTÓRIA E A SUA VONTADE

Um país, além de um território, é um povo com a sua história e um sentimento ou imaginário comum, com os seus líderes e heróis, com os seus referenciais identificadores próprios, com os seus projectos e sonhos, e com a sua motivação própria.

A história de cada Povo é a expressão da sua vontade e maneira de ser, dos líderes que gerou no seu seio e com os quais se construiu, se constrói, se identificou e se identifica. E, quando a história é tão extraordinária, como a dos últimos vinte e sete anos de Timor Leste, é porque se está perante umas circunstâncias, um povo e uns líderes e extraordinários. Estes, muito mais do que os factores geográficos e índices econométricos, são os que melhor caracterizam o novo estado, as suas potencialidades e riscos.

Não é por acaso que Timor Leste, um pequeno país com uma reduzidíssima população, tem dois prémios Nobel da Paz.

Não é por acaso que Xanana Gusmão se tornou símbolo inspirador de tantos democratas e jovens indonésios, admirado e respeitado por generais e outros comandantes militares que combateram em Timor, admirado e respeitado por líderes políticos que antes se opuseram à autodeterminação.

Não é por acaso que Xanana Gusmão, em eleições efectivamente livres e democráticas, em que concorreu com outro candidato, foi eleito Presidente com 82,69% dos votos.

Não é por acaso que as Falintil, disciplinada e estoicamente, se abstiveram de responder às constantes provocações das forças de ocupação e das milícias por estas criadas, ao longo de todo o ano de 1999.

Só o enorme prestígio de Xanana Gusmão, e o bom senso e a liderança exemplar deste Presidente e do Comandante Taur Matan Ruak é que tornaram possível esse quase milagre.

A traumática experiência de vinte e quatro anos de ocupação, a seguir a quatro séculos de uma cinzenta tutela colonial potenciariam, normalmente, condições para um completo desastre social, económico e político. A participação forçada de tantos timorenses na denúncia de familiares e amigos, na repressão, na destruição e, por vezes, até nas torturas e no assassinato de conterrâneos, normalmente seria um potenciador de incontroláveis conflitos de imprevisíveis consequências.

Mas, a sabedoria adquirida em tão dolorosa caminhada, a sensatez, coragem e determinação dos principais líderes, tem invertido a tendência fácil para o desastre. Tornou-se, assim, possível uma reconciliação que pareceria, a um observador menos atento e menos conhecedor da qualidade dos líderes e do próprio povo timorense, completamente impensável.

Xanana Gusmão, em primeiro lugar, Ramos Horta, Mari Alkatiri, os dois bispos, os membros da Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação, alguns líderes tradicionais e outras personalidades timorenses têm tornado possível o diálogo com ex-líderes das milícias e o regresso a Timor de cerca de duzentos mil expatriados, quase sem incidentes.

Mesmo quem acompanhou de perto o processo timorense não pode deixar de manifestar a sua admiração ao saber que, apenas dois anos depois do

massacre da Igreja de Suai, em que foram mortos muitas dezenas ou até centenas de timorenses, incluindo três sacerdotes católicos, um do líderes das milícias que executaram o massacre voltou a Suai. Não foi morto nem sequer espancado pelo povo. Este, embora reclamando o seu julgamento, acolheu-o de forma extremamente contida e civilizada. O próprio ex-milícia reconheceu os seus erros e declarou-se disposto a ser julgado.

Também na sua relação com personalidades indonésias, inclusive com chefes militares que tiveram tremendas responsabilidades em Timor Leste, os líderes timorenses têm revelado um extraordinário pragmatismo, tolerância e espírito construtivo, dando lições de enorme sensatez, inteligência política e tacto diplomático.

Com isso, o carismático líder Xanana Gusmão tornou-se um símbolo para os democratas indonésios. O respeito com que passou a ser encarado tornou possível a visita a Timor Leste do primeiro Presidente democraticamente eleito da Indonésia, Abdurrahman Wahid que, em 29 de Fevereiro de 2000 (menos de seis meses depois do *"Setembro negro de 1999"*) visitou Dili e, no cemitério de Santa Cruz, apresentou desculpas pelos erros cometidos pelos seus concidadãos no território.

Só o carisma de Xanana Gusmão e a sua extraordinária diplomacia conseguiram levar a Dili, para as cerimónias da Independência, a Presidente Megawatti Sukarnoputry, apesar da clara e insistente oposição de alguns dos principais líderes políticos e chefes militares indonésios, que o eleito Presidente timorense tão humilde e inteligentemente contornou.

Não é por acaso que uma das maiores ovações das centenas de milhar de timorenses reunidos em Taci Tolo para as cerimónias da Independência foi para a Presidente da Indonésia, quando Xanana a apresentou, mão na mão, braços erguidos, nessa histórica madrugada que é o símbolo mesmo da extraordinária capacidade diplomática dos timorenses.

As três votações, de 1999 (Referendo de Autodeterminação), 2001 (Assembleia Constituinte) e 2002 (Presidente da República) foram exemplos ímpares de um extraordinário civismo, particularmente significativos para uma região onde a democracia tem esbarrado com tantas dificuldades.

Até o facto do Primeiro Ministro ser muçulmano, num país predominantemente católico, e ter as melhores relações com a Igreja e os seus bispos é, ele mesmo, sinal e exemplo.

Por isso, mais do que conselhos e recomendações, o relatório poderia, com vantagem, falar desta experiência única no mundo, tão difícil, tão conseguida e tão inspiradora. Ela permitiu construir um capital simbólico que, sendo um bem intangível, é um bem precioso para os timorenses e para a Região e se tornou o principal factor para a construção da Paz, da Estabilidade e da própria Segurança do novo estado.

A maneira como aos poucos, os inimigos se foram tornando parceiros e até amigos... e como, sem recurso a acções terroristas, pela abnegação, contenção, coragem e inteligência, o Povo Timorense foi conquistando solidariedades, abrindo o seu caminho, construindo a sua democracia, precisa de ser conhecida e apresentada como a imagem identificadora de um Povo e de um País que se tornou um factor de Paz e Democracia para a Região e um estímulo inspirador para um mundo mais humano e para relações mais fraternas entre os povos, mesmo entre anteriores inimigos e mesmo depois de tão profundos traumas.

É com base nessa histórica luta e nas características próprias do Povo Timorense que devem ser estabelecidas as relações com terceiros e acordadas a condições de segurança mais consentâneas com a realidade envolvente e com o civismo, a dignidade, a coragem, a determinação e o bom senso de que os timorenses têm dado provas.

Pela sua extraordinária luta e provas dadas ao longo das últimas décadas, o Povo Timorense resgatou, para si, um lugar próprio na história.

Graças à excepcional qualidade dos seus líderes, Timor Leste tornou-se um factor de Construção da Paz. E é esse estatuto que precisa de ser reconhecido e internacionalmente valorizado para o bem da Paz, da Estabilidade e da Democracia na Região.

Ao ousar ser ele próprio, sem dominar, nem oprimir, nem ofender ninguém, o Povo Timorense deu concretização à utopia e tornou-se fonte de inspiração para o futuro.

Por falta de tempo, remeto para a cronologia do catálogo de uma exposição sobre a Resistência Timorense de que o subscritor foi o Coordenador Científico.

3. A PAZ, A ESTABILIDADE E A DEMOCRACIA EM TIMOR LESTE SÃO MUITO IMPORTANTES PARA OS TIMORENSES, MAS SÃO TAMBÉM MUITO IMPORTANTES PARA O DESENVOLVIMENTO DA DEMOCRACIA, DA ESTABILIDADE E DA PAZ NA REGIÃO.

O estado de Timor Leste nasceu de uma forma muito especial. Apesar de ser o resultado da luta tenaz do seu povo, quase completamente sozinho, durante muitos anos, e de se poder dizer, por isso, que é um estado gerado pelo Povo Timorense e pelos seus carismáticos líderes, para a comunidade internacional o novo país nasceu como um filho dilecto das Nações Unidas.

Além disso, nasceu rodeado de uma aura de coragem, tenacidade, determinação, democraticidade, respeito pelos direitos humanos, tolerância e inexcedível civismo, que lhe granjearam o apoio internacional suficiente para viabilizar um autêntico "milagre".

A sua existência como estado, com efectiva independência, depende de algo muito difícil e delicado, que é manter a credibilidade. E para isso é necessário que o

novo país respeite os direitos humanos, desenvolva as práticas democráticas, pratique os valores de tolerância, diálogo e respeito que o distinguiram e distinguem. Igualmente importante é o equilíbrio e bom senso das relações internacionais que estabelecer.

A atenção e interesse que possa merecer dos seus vizinhos e de outros países e organizações, nomeadamente da ONU e de entidades financiadoras, são também cruciais para o seu futuro. Saber captar esse interesse e atenção, e não defraudar expectativas, será uma arte difícil da liderança timorense.

Vimos atrás que, até agora, os passos dados, quer no processo de reconciliação, quer no processo de democratização foram enormes e tiveram êxito.

Mas os riscos potenciais são muitos e graves e têm raízes profundas.

É evidente que a extraordinária lição que se pode tirar da vivência timorense nada fez, ainda, nem fará, só por si, para que se desenvolva a economia e diminua o desemprego, a pobreza e todos os outros factores potenciadores de conflito sociais. Muito menos apaga os traumas acumulados em tantos anos de opressão, com tantas pessoas torturadas e tantas vidas perdidas.

Por isso, os factores de risco estão lá, concentrados, em Timor Leste. E é muito fácil que aquela que foi uma experiência extraordinária e inspiradora se transforme numa enorme decepção, num desastroso falhanço. Não faltará quem, menos adepto da democracia e do respeito pelos direitos humanos e mais preocupado em mostrar que só a força produz resultados, queira, por isso mesmo, impedir que Timor Leste seja um caso de sucesso.

E quem tal pensar, procurará explorar traumas e dificuldades sociais para fazer resvalar todo o processo de construção da Democracia, da Paz e do Desenvolvimento.

Por isso mesmo, é fundamental o empenho da comunidade internacional para apoiar e viabilizar a consolidação da sociedade democrática em Timor Leste e para a promoção do seu desenvolvimento equilibrado e integral.

Sem isso, a fonte de inspiração que é a experiência timorense poderá transformar-se numa grande decepção e desapontamento. E isso não é só grave para o Povo Timorense. É-o, igualmente, para a Paz, a Estabilidade, a Democracia e o Desenvolvimento da Região e seria, mesmo, uma perda para toda a Humanidade.

O capital simbólico construído com o sangue, a dor, a abnegação e entrega de tantos timorenses desconhecidos sob a liderança de personalidades saídas de e forjadas por esse mesmo povo, com uma visão, um bom senso e um sentido do humano ímpares, é, hoje, um património das Nações Unidas e da Humanidade. Como tal deve ser preservado e apoiado, como exemplo a mostrar que a Liberdade, a Democracia, a Paz e a Tolerância são possíveis e que até pequenos povos podem fazer muito por isso.

O caso de Timor é um exemplo das virtudes da "convivência com o inimigo", da recusa dos métodos terroristas e de nacionalismos exclusivistas e fechados, e das potencialidades do diálogo e do perdão, do civismo e da democracia.

Por isso é tão importante o apoio da comunidade internacional para que o desenvolvimento económico seja um sucesso, o desemprego e as tensões sociais se reduzam, os direitos humanos sejam respeitados e a democracia consolidada em Timor Leste.

O êxito da Reconciliação, da Paz, da Democracia e do Desenvolvimento abrirá pistas e potenciará desenvolvimentos positivos noutras zonas da região, vítimas de crises e conflitos, e será um importante factor para a Paz, a Segurança, a Estabilidade e Progresso da Região.

Estado post-moderno, e, em certo sentido, post-nacional, nascido da luta não apenas pela independência, mas, sobretudo, por valores, pelos direitos humanos, pelo diálogo, pela reconciliação e pela democracia, tem características que poderão inspirar desenvolvimentos no relacionamento entre pessoas, grupos e povos, se se der ao novo país e aos seus mais carismáticos líderes o lugar que merecem, no contexto internacional. Esse será o maior contributo para a segurança não apenas de Timor Leste, mas também da Região.

Como dizia Xanana Gusmão:

"Todos deveríamos compreender que a Libertação da Pátria é apenas metade do objectivo da independência. Porque, depois da independência, a Libertação do Povo constitui a outra metade do objectivo da independência." (Xanana Gusmão, 1999)

Só que a Libertação do Povo, a sua reconciliação, a consolidação da vivência democrática e o Desenvolvimento de Timor Leste são também um factor de Paz e Segurança para a Região e uma fonte de inspiração para a Humanidade, e como tal devem ser encarados.

Porto, 11 de Junho de 2002

António Pinto Barbedo de Magalhães

Professor A. Barbedo de Magalhães
Gab M213, DEMEGI, FEUP, R. Dr. Roberto Frias
4200-465 Porto, Portugal
22-5081710 barbedo@fe.up.pt

C/C:Dr. Roque Rodrigues, SE Defesa da RDTL
Drª Pascoela Barreto, Embaixadora da RDTL em Portugal
Dr. Carlos Gaspar, Assessor do Presidente da República
Embaixador Santana Carlos, MNE
Dr. Álvaro de Vasconcelos, Presidente do IEEI
Tenente-Coronel Duarte Costa, IAEM
Drª Luísa Teotónio Pereira
Dr. José Amorim Dias
Dr. Domingos Sarmento Alves

Ex.mo Senhor
Dr. Miguel Santos Neves
Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais
Largo de São Sebastião, 8- Paço do Lumiar
1600-762 Lisboa

Assunto: Segurança de Timor Leste

Porto, 11 de Junho de 2002

Caro Dr. Miguel Santos Neves:

Como contributo para a reunião de debate sobre o Relatório "The Security of East Timor in the Regional Context", realizada em 5 de Junho no IEEI, elaborei um texto com comentários pessoais sobre o mesmo. Na carta de 4/6/2002 que acompanhava esses comentários informava que *"a falta de tempo impediu-me de falar sobre o assunto com os principais líderes timorenses, como seria de desejar e foi prática minha durante muitos anos"*.

Nessa mesma carta manifestava a intenção de fazer chegar os meus comentários aos peritos timorenses que integram o grupo autor do relatório, para ter a sua opinião.

Na 6ª-feira (7 de Junho), quando redigia algumas alterações aos meus comentários, nomeadamente relativos aos papel dos EUA, tendo em conta o debate feito no IEEI na referida reunião de 5 de Junho, recebi um telefonema do Dr. Roque Rodrigues, velho amigo e Secretário de Estado da Defesa de Timor Leste.

Da conversa tida com o Dr. Roque Rodrigues resultou, para mim, a convicção de que:

1) – O Secretário de Estado de Defesa do 1º Governo Constitucional de Timor Leste considera importante que o relatório ponha em evidência o papel único que Timor Leste pode e deve desempenhar na região, tendo em conta a sua história recente e a extraordinária qualidade dos seus principais líderes: Di-lo de forma muito mais correcta e elegante do que eu, que, no entanto, defendi, nos meus "comentários" e na referida reunião, esse mesmo ponto de vista.

2) O Secretário de Estado também considera que a Austrália, tendo os seus próprios interesses, pode não ser sempre, e necessariamente, uma potência benigna para Timor Leste. Foi uma posição que manifestei, de forma clara, na reunião de 5 de Junho, embora utilizando uma linguagem própria que, naturalmente, não coincide com a do Dr. Roque Rodrigues.

3) O Dr. Roque Rodrigues salienta a importância de toda uma equilibrada rede de dependências para assegurar a independência de Timor Leste. Aí, exprime, de forma particularmente feliz, um pensamento e sentimento dominante, expresso na reunião de 5 de Junho, que o relatório de algum modo também traduz, mas não de forma suficientemente clara e incisiva;

4) A importância simultânea da comunidade internacional para a estabilidade e segurança de Timor Leste, por um lado, e da estabilidade e desenvolvimento democrático de Timor Leste para a segurança, a paz e a estabilidade da região, referida pelo Dr. Miguel Santos Neves e que mereceu o consenso dos participantes nessa reunião é explicitada com especial ênfase pelo Secretário de Estado timorense que considera, tal como eu, que para essa importância ser reconhecida, se torna necessário dar a conhecer e lembrar o carácter único do caso timorense e a excepcional qualidade de alguns dos seus líderes, aos quais é importante reconhecer o estatuto e o papel próprio que podem desempenhar no País, na Região e no Mundo.

Em 10 de Junho o Dr. Roque Rodrigues voltou a contactar-me para me dar a sua opinião sobre a segunda versão dos meus comentários.

Tendo em conta as conversas tidas com o Dr. Roque Rodrigues, e não já apenas o debate feito na reunião de 5 de Junho, junto envio, sob nova forma, os meus comentários. Estes, agora, já não são estritamente pessoais, mas estão influenciados pelas opiniões clarividentes desse grande amigo e pensador timorense, bem como de outras personalidades timorenses que entretanto também contactei.

É com o mesmo espírito de sempre, isto é, de serviço ao Povo Timorense, que lhe envio a nova versão dos comentários, que poderá utilizar em eventuais acrescentos ou correcções que entenda fazer ao relatório em apreciação.

Vou pedir a um amigo que os traduza para inglês, para que possam ser lidos, se isso for julgado útil, pelos não-lusófonos da equipa de peritos.

Fico ao seu dispor para o que julgar necessário em relação a este assunto.

Com os melhores cumprimentos,

António Pinto Barbedo de Magalhães